



Oh, que saudade
do luar da minha terra,
lá na serra,
branqueando folhas secas
pelo chão!
Este luar, cá da cidade,
tão escuro,
não tem aquela saudade
do luar
lá do sertão.

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Se a lua nasce
por detrás da verde mata,
mais parece
um sol de prata,
prateando
a solidão!
E a gente pega na viola,
que ponteia,
e a canção
é a lua cheia
a nos nascer
do coração!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Quando vermelha,
no sertão,
desponta a lua,
dentro dalma,
onde flutua,

também,
rubra,
nasce a dor!
E a lua sobe...
E o sangue muda
em claridade!...
E a nossa dor
muda
em saudade...
branca...
assim...
da mesma
cor!!!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Ai!... Quem me dera
que eu morresse lá na serra,
abraçado à minha terra,
e dormindo de uma vez!
Ser enterrado
numa gruta pequenina,
onde, à tarde,
a sururina
chora a sua viuvez!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Diz uma trova,
que o sertão todo conhece,
que se à noite,
o céu, floresce,
nos encanta,
e nos seduz,
é porque rouba dos sertões
as flores belas
com que faz essas estrelas
lá do seu jardim de luz!!!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Mas como é lindo ver,
depois,
por entre o mato,
deslizar,
calmo,
o regato,
transparente como um véu,
no leito azul das suas águas,
murmurando,
ir, por sua vez,
roubando
as estrelas lá do céu!!!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

A gente fria
desta terra,
sem poesia,
não se importa com esta lua,
nem faz caso do luar!
Enquanto a onça,
lá na verde capoeira,
leva uma hora
inteira,
vendo a lua,
a meditar!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Coisa mais bela neste mundo
não existe,
do que ouvir
um galo,
triste,
no sertão,
se faz luar!!!
Parece até que a alma da lua
é que descanta,
escondida
na garganta
desse galo,
a soluçar!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Se Deus me ouvisse
com amor
e caridade,
me faria
esta vontade,
– o ideal do coração!
Era que a morte,
a descantar
me surpreendesse
e eu morresse
numa noite de luar,
no meu sertão!

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

E quando a lua surge
em noites estreladas
nessas noites enluaradas,
em divina aparição,
Deus faz cantar o coração
da Natureza
para ver toda a Beleza
do Luar do Maranhão.

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Deus lá no céu, ouvindo
um dia,
essa harmonia,
– a canção
do meu sertão,
do meu sertão primaveril,
disse aos arcanjos
que era o Hino da Poesia,
e também a ave-maria
da grandeza do Brasil.

Não há, Não há,
ó gente, ó gente,
oh, não, oh, não,
luar, luar,
como esse como esse
do sertão. do sertão.

Pois só nas noites do sertão de lua plena,
quando a lua é uma açucena,
é uma flor primaveril,
é que o Poeta, descantando,
a noite inteira,
vê, na Lua Brasileira,
toda alma do Brasil.

Luar do Sertão (Canção),
Catulo da Paixão Cearense
(1863/1946),
dedicada ao Jornalista
Assis Chateaubriand.

As três últimas estrofes,
escritas para Guimarães Martins,
afim de, como fecho:
cantar a antepenúltima,
no Maranhão;
uma de ambas últimas,
à escolha do intérprete,
em solenidades
brasileiras comemorativas.



Negrinho do Pastoreio,
venho acender a velinha
que palpita em teu louvor.

A luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

A luz da vela me mostre
onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz
na luz da vela, Negrinho,
clarão santo, clarão grande
como a verdade e o caminho
na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio,
diz que você acha tudo
se a gente acender um lume
de velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha
treme-treme, protegida
contra o vento, contra a noite...
É uma esperança queimando
na palma da minha mão.

Que não se apague este lume!
Há sempre um novo clarão.
Quem espera acha o caminho
pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que você acha tudo.)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me, Negrinho.

A luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

Negrinho, você que achou
pela mão da sua Madrinha
os trinta torlidos negros
e varou a noite toda
de vela acesa na mão,
(piava a coruja rouca
no arrepio da escuridão,

manhãzinha,

a estrela d'alva
na voz do galo cantava,
mas quando a vela pingava,
cada pingo era um clarão)
Negrinho, você que achou,
me leve à estrada batida
que vai dar no coração.

(Ah os caminhos da vida
ninguém sabe onde é que estão!)

Negrinho, você que foi
amarrado num palanque,
rebenqueado a sangue pelo
rebenque do seu patrão,
e depois foi enterrado
na cova de um formigueiro
para ser comido inteirinho
sem a luz da extrema-unção,
se levantou saradinho,
se levantou inteirinho.
Seu riso ficou mais branco
de enxergar Nossa Senhora
com seu filho pela mão.

Negrinho santo, Negrinho,
Negrinho do Pastoreio,
você me ensine o caminho
pra chegar à devoção,
pra sangrar na Cruz bendita,
pelos cravos da Paixão.
Negrinho santo, Negrinho,
quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
na falação de Jesus,
semente que só vivia
e dava fruto enterrada,
apodrecendo no chão.

Oração ao Negrinho do Pastoreio,
Augusto Meyer Júnior (1902/1970)

Seleções
Belkiss da Silva Cordovani Marques

ROSAS EM FOLHA

Para matar a saudade,
fui ver-te em ânsias, correndo...
E eu, que fui matar saudades,
vim de saudades morrendo.
Adelmar Tavares (1888/1963)

No dia do teu Natal,
meu bom e meigo Jesus,
arranja-me um animal
pra carregar minha cruz.
Américo Pinto

Maria, só por maldade,
deixou-me a casa vazia...
Dentro da casa: saudade!
E na saudade: Maria!
Aniz Murad (1904/1962)

Sino, coração da aldeia,
coração, sino da gente.
Um a sentir quando bate,
outro a bater quando sente.
Antônio Correia de Oliveira (1879/1960)

Saudade que mais maltrata
é aquela que a gente sente
por uma pessoa ingrata
que não se lembra da gente.
Antônio Sales (1868/1940)

Se aquilo que a gente sente
cá dentro tivesse voz,
muita gente... Toda gente
teria pena de nós!
Augusto Gil (1873/1929)

Eu vi minha mãe rezando
aos pés da Virgem Maria.
Era uma santa escutando
o que outra santa dizia.
Barreto Coutinho (1893/1976)

Se o Padre Santo tivera
um pé tão largo e tão mau,
podia, mesmo de Roma,
dar beija-pés em Macau.
Bocage (1765/1805)

Os remos batem nas águas,
têm de ferir para andar.
As águas vão consentindo
esse é o destino do mar.
Cecília Meireles (1901/1964)

Oh, campos de Santarém,
altas torres de Almeirim,
fazeis-me lembrar de quem
me fez esquecer de mim!
Dom Gótiere (Século XV)

O poeta é um fingidor,
finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente.
Fernando Pessoa (1888/1935)



Seleções Djalda Winter Santos

Kigos para os três haicais a serem enviados

Até o dia 10.09.97
Geadá, Ipê, Mexerica;

até o dia 10.10.97:
Azálea, Garoa, Urubu.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filme. Vemos o kigo (focaliza-
mos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos
(revelamos). O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo
(termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos
três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente
explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos
kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o
endereço e assinar. * Envia-la normalmente pelo correio, com nome e endereço
do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessari-
amente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um
deles nos três haicais.

2. Posteriormente o haicaísta receberá, devidamente numerada a relação
dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida
correção em tempo hábil), afim de selecionar 10 % deles.

3. O haicaísta se compromete a enviar numa folha, até o último dia do
mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o
nome do haicaísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um
abaixo do outro e centralizado, o número e o texto de cada haikai assim escolhi-
do, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de
sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria
lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por
volta do dia 10 do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA

No velho jardim,
a brancura das camélias,
junto ao muro escuro.
Maria Reginato Labruciano

Tardes bem amenas.
Entre abelhas indiscretas,
sedosas camélias.
Humberto Del Maestro

Quadrilha ensaiando,
sinhazinha esperançosa.
Ah! Meu Santo Antônio!
Djalda Winter Santos

Sanfona tocando,
quentão, quadrilha, fogueira...
– Um São João na roça!
Humberto Del Maestro

Velhas roupas vivem
bons momentos de alegria:
vestem a quadrilha!...
Luis Koshitiro Tokutake

Sanfona tocando...
pares dançando quadrilha.
Olhares cruzados.
Maria Reginato Labruciano

Bendita a Aldeia Global
quando não mais precisar de líderes,
nem de heróis, e muito menos de mártires e vítimas.

Apenas os grilos
a povoar-me a solidão.
Madrugada insone...
Edmar Japiassú Maia

À beira do lago,
sons de grilos, ao luar.
Magia sonora!...
Hermoclydes Siqueira Franco

Sapo fica atento
à barulhada dos grilos.
É o jantar chamando.
Eduardo Lopes Vieira

Ao som da quadrilha,
a festa junina acende
antigas lembranças!...
Hermoclydes Siqueira Franco

O grilo guerreiro
preso na teia de aranha,
canta sua morte.
Paulo Alfredo Feitoza Bohm

No verde da mata,
pedaço de primavera
num galho de orquídea.
Cecy Tupinambá Ulhôa

OS POPULARES DE AK'OLA

José Maria Arguedas (1911/1969)
tradução: João da Penha

“Hoje é o dia”, disse dom Cipriano, chefe da comunidade de Ak'ola e Lukanas.

Sentado sobre o poial do corredor de sua casa olhava a saída, um após o outro, de seus quatro dependentes: José Delgado, Juan Kisper, Antônio Wallpa, Francisco Rondón.

— São uns animais, índios... — e disse um palavrão.

Era quinta-feira, véspera do “*Yaku punchau*” (dia da água). Todos os populares de Ak'ola se reuniam às quintas-feiras às cinco da tarde na ponte de madeira que atravessa o riacho de Wallpamayu, à saída do povoado. Quando já estavam reunidas cerca de oitenta pessoas, com o insigne e o *tayta* a comandar, iam todos para cobrir Jatunk'ocha. Ao anoitecer, chegavam à lagoa e fechavam a comporta em nome do Taytacha São José, patrono de Ak'ola; muravam a pequena estrada com três ou quatro pedras e tapavam as frestas com porções de barro vermelho. Na manhã seguinte empurravam as pedras com um ferro largo e pontiagudo e colocavam as porções de barro; a água derrubava então as pedras e saltava o canal turbulenta e escura. Os populares riam desse espetáculo.

— Mamay Yaku! Mamay K'ocha!

Seus olhos amarelados, tranqüilos, brilhavam de repente com uma luz terna e regozijante.

A meia légua de Jatunk'ocha, o canal de Ak'ola se divide em dois: mais distante, cada canal segue ramificando-se numa infinidade de aquedutos, que atingem até os milharais, os tri-gais, as plantações de alfafa e demais chácaras que se estendem além de Ak'ola. O povoado está à frente de todas as áreas de plantação.

Aos domingos os populares se espalhavam pela praça, no único dia de água a que tinham direito na semana: o *Yaku punchau* de sexta-feira. Poucas vezes brigavam na distribuição; respeitavam a palavra do chefe da semana, eleito entre os populares velhos, e conhecedor profundo das propriedades de todos os ak'olas. Mas no último ano, por culpa de dom Raura, *tayta* de Lukanas, os ak'olas brigaram muitas vezes por água com os lukaninos.

A quinta-feira era do *Yaku punchau* dos lukanos, a quarta-feira pertencia ao padre e os demais dias a dom Cipriano, chefe da comunidade dos dois povoados.

Embora o chefe visse em Ak'ola, sua proteção era maior em relação aos lukanos.

— Os lukaninos são mais civilizados que os ak'olas — dizia dom Cipriano sempre que podia se fazer ouvir por dez ou quinze populares de Ak'ola.

A verdade era que os populares lukaninos eram mais submissos ao chefe, mais obedientes e humildes. Dom Raura, *tayta* dos lukaninos, e que era muito amigo de dom Cipriano, se fez enganar com um pouco de aguardente e uma panelha e desde então aconselhava aos populares para que fossem com cães diante do chefe e os lukaninos lhe obedeciam. Dom Raura era um velho palrador de expressão severa e olhar claro; sua figura impunha-se aos lukaninos; mas era um “k'anra” (porco) ② que se vendera ao chefe, segundo diziam os ak'olas.

Contrariamente, o *tayta* dos ak'olas, dom Pascoal, era índio honesto, que não aderira ao chefe. Vivera muitos anos em Nazca, Ica; tinha morado até em Leñete; de sua permanência nesses grandes povoados muito aprendera. Dom Pascoal não era velho, teria cerca de quarenta e oito anos, era pálido, algo doentio; vestia-se com tecido de lã e não de *kordellate* como os outros ak'olas; desde que retornara do litoral, conservara esse hábito. Sua voz era fina, calma, mas forte e quase autoritária; seus olhos negros eram rodeados de manchas amarelas e carnosas como a de todos os populares que tinham vivido muito tempo no litoral comendo *kancha*, queijo salgado e outros alimentos sem substância; mas fitava os outros de frente, de modo insolente, ao contrário do resto dos ak'olas, que eram covardes e trapaceiros.

Dom Pascoal falava sempre em todas as distribuições de água e se queixava em voz alta da pouca água que havia para os populares que eram tantos quanto formigas, enquanto o chefe da comunidade, sozinho, ficava com a maior parte. Por isso, dom Cipriano o odiava.

— É um *cholo* ③ astuto; a qualquer momento irei desafiá-lo.

Mas dom Pascoal não tinha animais, vivia de duas pequenas chácaras, onde plantava batata, milho e trigo, e de tocar *quena* ④ nas festas; dos pequenos povoados das redondezas recebia convites dos organizadores de festas, que lhe pagavam bem. Desse modo, se livrava das garras do chefe da comunidade, porque nada lhe poderia arrancar. Dom Pascoal era muito conhecido em sua região; os populares de todas as *punas* ⑤, de todas as vizinhanças, falavam bem dele, ainda que com certo temor; até os lukanos o respeitavam.

No céu limpo e claro o sol brilhava intensamente; quase anoitecia, mas o Inti queimava as terras de todas as partes. As plantações estavam cheias do cheiro da terra quente.

— Já não alcança a água, ak'olakuna — disse dom Pascoal, no pôr-do-sol — vamos perder a colheita do ano. Nossos pequenos trigais amarelecem junto às chácaras de dom Cipriano, cujo milho verde e cevado ri de nossa desgraça.

Os ak'olas se entristeceram e baixaram a cabeça humildemente.

— O *tayta* Inti está contra nós. Faz chorar a nós, populares, queimando por puro gosto nossas pequenas plantas; mas o chefe da comunidade é poupado. Devemos nos revoltar contra isso, ak'olakuna.

Os populares levantaram a cabeça para olhar a seu *tayta*; mas em seus olhos brilhava uma luz de resignação, de humildade; não compreendiam.

— Revoltemos contra o chefe da comunidade e lhe tomemos a água e a terra!

Os ak'olas sacudiram seus corpos como se de repente o sol os tivesse agitado.

— O chefe da comunidade já não necessita de água; suas terras estão irrigadas, enquanto as nossas estão duras como a alma do chefe.

Os populares de Ak'ola entenderam, mas tinham medo; por isso, calaram.

— Que dizem, ak'olakuna? — perguntou dom Pascoal, com voz forte e impaciente.

— Os ak'olas te obedecerão, dom Pascoal — falou por fim dom Korchí.

— Tu és *tayta* dos ak'olas, sabes disso — disse outro.

— Dom Pascoal, está bem! Nós, os populares, necessitamos mais de água de Jatunk'ocha que o chefe da comunidade; todos os dias usaremos a lagoa, só para nós! — assim falou o mak'ta Tomascha.

— Vamos! — ordenou o *tayta*.

Os populares de Ak'ola pararam à beira da lagoa, seca, já então; sobre a comporta se plantou dom Pascoal.

— Essa água é nossa, ak'olakuna. Em nome do *taytacha* São José, guardemo-la para nós.

Cinco populares saltaram no fundo da lagoa.

Jatunk'ocha é grande; tem meia quadra de largura e é quase redonda; no centro ergue-se um montículo cilíndrico de pedra e cal; é o “puputi” (umbigo) que jamais falta nos poços artificiais da serra.

Quando os populares começaram a fechar a comporta, ouviu-se um forte estouro vindo das proximidades. Os ak'olas voltaram-se assustados e os que estavam na comporta saltaram o muro.

No caminho de Lukanas, na base da colina, apareceu uma tropa de índios lukaninos.

— Morram os ak'olas! — gritaram os lukaninos.

— De certo estão bêbados com os goles oferecidos por dom Cipriano — disse dom Pascoal, olhando sério para os lukaninos.

— Racharemos as cabeças desses vendidos! — gritou Tomascha.

Nos olhos de todos os ak'olas assomou o ódio, rapidamente, seus olhos ardiam.

“Lamentável!” — disse para si tristemente o *tayta* de Ak'ola. Se esse ódio fosse contra o chefe da comunidade...!

Olhou de um modo estranho para Osk'onta, para Chitulla, para todas as grandes colinas e montanhas. Certo havia algo em seu coração, em sua cabeça também, forte. Olhou com pena para seus populares, que, pedra nas mãos, lançavam-se contra seus irmãos lukaninos. Gritou forte, até engrossar a voz e se fazer ouvir em todo o campo:

— Comunkuna, wauk'eykuna: o nosso único inimigo é Cipriancha; o correto é matá-lo, e não nos defrontarmos, ak'olakuna, lukanaskuna!

Os populares pararam de chofre, por um momento, e olharam, assustados, o *tayta*. Mas nesse instante, se ouviu outra voz grossa, meio oca e encolerizada:

— Cães ak'olas!

Era o vendido Raura.

— Dom Pascoal, fora com esse porco! — respondeu tremendo de ira o mak'ta Tomascha, e seguiu correndo ao encontro dos lukaninos; todos os ak'olas o seguiram.

E começou a luta. Os lukaninos, defendendo dom Raura, apedrejaram os ak'olas, e a luta se fez geral. Os populares socavam a cara, esbordoavam, arranhavam e mordiam encolerizados.

Dom Pascoal, parado sobre a comporta de Jatunk'ocha, seguia gritando. Tornou-se áspero, mas ninguém lhe dava atenção. Então, de seus olhos amarelados e brilhantes brotaram lágrimas amargas que jorravam de seu rosto magro, pálido. Dom Pascoal não mais choraria assim.

— Muito triste, mas algum dia os populares verão a seu inimigo e lutarão com mais raiva que agora. Isso é certo!

Nesse momento, quando a luta era mais encarniçada, dom Cipriano chegou a galope, acompanhado de seu mordomo e três mestiços. Ao passar junto à lagoa, junto com seus acompanhantes disparou no *tayta*, que caiu de costas na lama da lagoa.

Dom Cipriano seguiu em frente rumos aos índios; seu cavalo saltava como tigre, os outros três acompanhantes o seguiam, montados, pisoteando os populares dos dois povoados e dispararam para o ar. Aterrados, os ak'olas e lukaninos correram para a colina e subiram nos penhascos.

Por alguns momentos o sol se ocultou detrás do monte do *tayta* Chitulla e todo mergulhou nas sombras.

A luta serviu de pretexto e já não existe mais *Yaku punchau* quinta-feira nem sexta-feira. Desde então, a semana pertence totalmente ao chefe da comunidade dom Cipriano Palomino.

Lima, 7 de abril de 1934

- ① Termo cerimonioso (senhor); assinala também o mais influente dos populares.
- ② Palavra que indica máximo insulto.
- ③ Mestiço de europeu e índia.
- ④ Tipo de flauta dos índios andinos.
- ⑤ Designação dada às savanas das regiões dos Andes.

I	Já podeis da Pátria filhos ver contente a mãe gentil!	Coro: Brava gente brasileira longe vá temor servil	
Bis:	Já raiou a liberdade no horizonte do Brasil.	Bis: ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	
Coro:	Brava gente brasileira longe vá temor servil	V	Revoaram tristes sombras da cruel guerra civil;
Bis:	ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	Bis:	mas fugiram apressados vendo o anjo Brasil.
II	Mal souo na serra ao longe nosso grito varonil;	Coro: Brava gente brasileira longe vá temor servil	
Bis:	nos imensos ombros logo, a cabeça ergue o Brasil.	Bis: ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	
Coro:	Brava gente brasileira longe vá temor servil	VI	Parabéns, ó brasileiros já com garbo juvenil
Bis:	ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	Bis:	do Universo entre as nações resplandece a do Brasil.
III	Os grilhões que nos forjava da perdidã astuto ardil	Coro: Brava gente brasileira longe vá temor servil	
Bis:	houve mais mãe poderosa zombou deles o Brasil.	Bis: ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	
Coro:	Brava gente brasileira longe vá temor servil	VI	Não temais ímpias falanges que apresentam face hostil,
Bis:	ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	Bis:	vossos peitos, vossos braços são muralhas do Brasil.
IV	O Real Herdeiro Augusto conhecendo o engano vil	Coro: Brava gente brasileira longe vá temor servil	
Bis:	em despeito dos tiranos quis ficar no seu Brasil.	Bis: ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil.	

Hino da Independência, letra de Evaristo da Veiga (1799/1837), música de D. Pedro I (1798/1834).

Morreu antes dos quarenta,
velando Pátria e Brasil;
sua bravura se sustenta
muito além do ano dois mil!

Pedro I do Brasil e IV de Portugal, MFM.

Eu (*Roger Avanzi*) não era para ser palhaço, mas o meu pai, que fazia o Picolino, já estava muito velho, e ele tinha um ezema na perna que o prejudicava muito. Ele tinha dificuldades, mas sabia tirar partido delas com uma comicidade incrível. O chapéu dele caía no chão, e ele não conseguia mais se abaixar, então eu, que fazia o *clown*, era quem pegava o chapéu e lhe entregava. O povo morria de rir desse detalhe, pensando que era de propósito. Eu falava para minha mãe (*Armandina Ribolá*):

— Meu pai (*Nerino Avanzi*) não aguenta mais. Eu vou ter que fazer o Picolino. E ela dizia:

— Não, meu filho, não faça o palhaço. O palhaço é prisioneiro do circo. Mesmo fazendo muitos números, se uma noite estiver indisposto, você não precisa fazer o espetáculo. Mas, se você for o palhaço, nunca mais poderá deixar de trabalhar. Você vai se tornar o prisioneiro do circo. Eu relutava, relutava... Até que decidi, isto é, ela decidiu. Então, lá fui eu!

A estréia aconteceu em Coaraci, na noite de 16 de outubro de 1954. Eu tremia feito vara verde, um medo me pelava todo.

Entreí no picadeiro com a mesma roupa, a mesma maquiagem e a mesma bengala do meu pai. Daquela noite em diante eu passei a ser o Picolino. Quando saí de cena, minha roupa pingava, parecia que eu tinha estado debaixo de um chuveiro. Nunca mais eu fui o Roger que era antes de ser o Picolino.

O palhaço entranhou na minha alma e eu fiquei diferente. Virei palhaço entranhado. Eu era uma coisa e agora sou outra: pensamento, idéia, modo de agir... Eu não sei explicar o que aconteceu, talvez uma pessoa muito instruída consiga.

Em Minas Gerais, na cidade de Itabira, em 1962, alguns meses antes do cinqüentenário do Circo Nerino, meu pai faleceu. Antes de morrer, ele nos disse várias vezes:

— Vamos!

Só mais tarde eu iria compreender o que ele queria nos dizer.

O seu corpo foi velado no picadeiro, e o povo fez fila para se despedir dele.

Verônica Tamaoki, livreto de julho 97, Projeto Circo Nerino, 1913/1964 — Sesc Pompéia.
e-mail: sescsp@eu-ansp.br